

Título: **BENILDE E O APOCALIPSE**

Conto

Autor: Celso Luís Alves Pais

Era quase noite. O juiz voltava a casa e era isso que ele mais desejava durante todo o seu dia de trabalho, no tribunal. Quando chegava ao refúgio doméstico, saudava a mulher e os dois filhos, atirando com a pasta para cima do cadeirão do escritório. Não tardava a mudar de roupa e logo se enfiava no barraco do quintal. Era aí que se dava a metamorfose diária: as leis e os códigos eram trocados pela plaina, pelo formão e pelo cheiro da madeira torneada. Em cada tábua via as mãos do seu avô Januário, grossas e calejadas, lavrando no pinho o milagre das formas. E todos os dias recordava as palavras do avô

materno: “A vida é como a madeira; pode ser queimada ou ser moldada.

Cabe a cada homem fazer a escolha.”

O juiz andava já há uns dias a esculpir numa tábua de nogueira o busto de um aguazil, personagem que a sua família tinha dado à comarca, muitos séculos atrás, nos tempos medievais. Junto da bancada, encaixado num cavalete, estava a tela a óleo do famoso aguazil Vasco Patraquim. O retrato tinha sido trazido da sala de estar da casa do juiz. Na parede dessa sala, no sítio onde o quadro tinha sido arrancado, notava-se agora um retângulo, no interior do qual eram visíveis manchas de bolor.

Vasco Patraquim tinha sido um meirinho exemplar. Prendeu caloteiros, perseguiu salteadores, executou penhoras, enfim, era a pedra-de-toque, no que à justiça diz respeito. Os usurários tinham-no na mais alta estima, pois viam na sua pessoa o garante do reembolso dos seus empréstimos.

Corria ligeiro o formão nos movimentos uniformes dos braços do juiz, rasgando a madeira com carinho e dando, lentamente, alma à figura do parente que dedicou a sua vida à causa da justiça. Se este membro da família não tivesse existido, nunca o juiz tinha frequentado a escola de leis. Seu pai, que descendia dos Patraquins, numa linhagem de vários séculos, e tinha ascendido a Secretário de Estado da Justiça, fora o grande incentivador da formação jurídica do nosso juiz carpinteiro.

Enquanto ia desbastando a madeira, o juiz sentia-se dividido entre as recordações de seu avô materno, Januário, e os longos sermões sobre leis, pronunciados pelo senhor seu pai. Como tinha sido duro ter de obedecer a seu pai, que fora juiz desembargador, grande parte da sua vida... Os códigos tinham sempre o cheiro do pinho e nada neste mundo suplantava a beleza da madeira.

Eram quase oito e meia da noite e a criada não tardou a chamar o seu amo para jantar.

- Mais um pouco, e já vou, Benilde – disse o juiz com um certo carinho na voz.

E, sabendo que tinha de enfrentar a mesa do jantar, com os problemas dos miúdos e os desabafos da mulher, aproveitou aquele bocadinho para contemplar mais uma vez a figura do aguazil, seu parente. Toda a sua vida o tinha visto na parede da sala de estar. Uma ordem de prisão na mão esquerda e um bastão na mão direita; chapéu alto na cabeça e um rosto severo, mas justo, coberto por uma barba bem aparada. Sapatos bicudos e meias até aos joelhos, encimadas por um grosso rebordo. O saio curto, que ia até meio da coxa, era envolvido por um manto roxo. E ali estava ele, numa atitude decidida, apontando o bastão no sentido do pergaminho, como quem diz: “é a lei que ordena, não sou eu”.

Um pequeno desbaste para realçar os sulcos do rosto do aguazil. Cada incisão na noqueira era, afinal, uma forma de fazer confluir a veia dos dois ramos da família. Ali se juntava o traço paterno da lei e o ímpeto artesanal do lado materno. Amanhã, depois de mais um dia de tribunal, voltaria a pôr as mãos no seu baixo-relevo e a recordar as mil histórias em torno deste meirinho medieval, que haviam ficado lavradas nas narrações familiares.

Hora de jantar. Uma grande terrina com canja de galinha exalava um cheiro apetitoso. Benilde é que matava sempre as galinhas. A cozinheira da casa já sabia que não punha as mãos na canja; isso era a tarefa da qual Benilde não abdicava.

Foi servido o prato de peixe: truta no forno com tiras de toucinho.

Regou-as um branco fresco do Douro. Os miúdos falaram da tabuada e da dificuldade de encaixarem a dos nove. Um deles confundia a tabuada dos nove com a prova dos nove e o pai, tentando conformá-lo, disse-lhe:

“Se o nove fosse um número muito famoso, haveria nove cavaleiros do Apocalipse, e não quatro.”

O filho, sentia-se ainda mais confuso.

Perguntou:

- Ó papá, o que é o Apocalipse?

O pai refletiu e viu que tinha ido longe de mais. Tentou remendar e replicou:

- O fim dos tempos, meu filho. Até esta galinha, que deu esta canja saborosa, teve o seu fim; o dia do Juízo Final.

E a criança, ainda mais baralhada, questionou:

- Ó papá, mas a galinha portou-se mal?

- Todos nós teremos de pagar, um dia, por aquilo que fizemos, filho.

- Ó papá, quer dizer que quando vier o Apocalipse, tu vais fazer o teu último julgamento no tribunal?

- Talvez, meu filho, talvez...

De imediato, o juiz concentrou o seu olhar na terrina da canja.

Vinham-lhe à cabeça as imagens daquela galinha rechonchuda, à qual a criada deitou grão de milho. E, ao pensar em Benilde, sentia-se um pecador, daqueles que hão de pagá-las quando vierem os tempos apocalípticos. Benilde ia na casa dos quarenta, mas ninguém lhos dava.

Quando a Benilde ia dar milho às galinhas, perto do barraco das madeiras, os olhos ávidos do juiz devoravam os seios roliços da serviçal. E não só. Também a pele rosada das suas pernas se tornava um deleite.

Ela sabia que era olhada. Mostrava, sem querer, um semblante a rondar a vergonha, mas os olhos não escondiam a volúpia. Chegava mesmo a ver-se como senhora da casa. Como seria mandar na cozinheira, receber visitas em casa, passear na rua com tão ilustre marido? Mas retornava instantaneamente à sua condição de criada de servir e recordava o olhar lascivo do patrão, quando, ao fim do dia, a mirava do interior do barraco, pelo janelo coberto pelo pó da madeira. O juiz excitava-se, e não era somente com a silhueta do corpo da criada. No Verão passado reparara que ela tinha pelos na parte de trás das coxas e isso ainda acicatou mais o seu apetite. Mas quanto mais se agarrava à luxúria imaginada dos apetites carnis, mais sentia o peso do pecado insidioso, que se manifestava à medida da sua necessidade de disfarçar tudo aquilo perante a mulher com quem casara. Coitada, mal sonhava que um homem tão amigo dos filhos pudesse alguma vez ter pensamentos maculados pela sombra da criada.

Dez horas da noite. O juiz ligou a telefonia e serviu-se de um conhaque.

A mulher, já com os filhos deitados, folheava um magazine de figurinos.

- Queres que te sirva um licor, Hermengarda? – Perguntou, com um ar dócil.
- De anis, por favor. Que tal vai a tua escultura do nosso parente aguazil?
- No quadro é uma coisa, mas na madeira é outra. Não está a ser fácil.
- Gostaste da canja, servida ao jantar?
- Abençoada galinha que lhe deu o sabor... Mas a nossa cozinheira sabe o que faz. Ainda bem que o nosso compadre te aconselhou a contratá-la.

Mas onde o juiz tinha realmente o pensamento era nas pernas e nos seios da Benilde. E via claramente a criada a esticar-se para estender roupa na corda do quintal. Quantas vezes, do interior do barraco, não tinha ele contemplado a roupa interior da criada, esvoaçando ao vento solarengo do fim de tarde, num dia pachorrento de verão. Que pecado estaria ele a cometer? O que lhe apetecia era, afinal, esculpi-la num tronco de carvalho. Que vontade irreprimível de a talhar com o formão, e depois afagá-la docemente, passando as mãos pela madeira macia.

Quando se foi deitar, o juiz ainda se sentia inundado por aqueles pensamentos. Estava agora estendido no leito conjugal. Sentia uma culpa incómoda. Talvez fosse por estar junto da sua mulher. Talvez por saber que o seu desejo pela criada era inimaginável na cabeça daquela que pariu os seus filhos. Ajeitou os cobertores ao corpo e começou a antever as tarefas do dia seguinte no tribunal. Não tardou a adormecer.

Logo no primeiro sono, apareceram-lhe no cérebro muitas galinhas tocando as trombetas do Apocalipse. Do céu jorravam cântaros de sangue que tingiam os rios. E do rio da sua cidade emanavam carpas escarlates com olhos em brasa. Ele e Benilde remavam num barco em direção à foz do rio. Mas em vão, porque dezenas de demónios sopravam as águas em sentido contrário. Acordou repentinamente. A última cena do sonho retratava os anjos que vertiam os cântaros de sangue, despejados do céu. Os anjos vociferavam em uníssono: “É a hora do Juízo Final, pecadores!”. A última imagem que reteve do sonho foi o rosto de Benilde coberto de sangue. Acordou, meio suado, e foi urinar. De volta à cama, tentou acalmar o espírito, pensando na sua condição de pai de família e de figura respeitável na vila e cidade. Sim, porque a casa do juiz ficava na vila. Esta não distava mais do que três quilómetros da cidade onde exercia o seu ofício. A casa tinha um grande quintal, com um poço.

Não muito distante deste ficava o barraco da marcenaria. Quando Benilde dobrava o corpo para tirar água do poço, o juiz, através do janelo, contemplava-lhe as protuberâncias da carne e cobiçava-lhe as traseiras das coxas.

Era de manhã. Benilde servia o pequeno-almoço. Toda a família estava reunida à mesa. O semblante do juiz aparentava um sentimento de comprometida vergonha. “Será que ela desconfia dos meus sonhos? Será que lê os meus olhares a percorrer o seu corpo?” Estas perguntas assomavam à mente do magistrado, provocando-lhe, simultaneamente, um misto de culpa e de alívio. Sentia uma vontade irreprimível de desfrutar uma mulher com a qual não tivesse de partilhar assuntos relacionados com filhos, contas, compromissos sociais. E, neste devaneio, imaginava-se deitado ao lado do corpo nu de Benilde, totalmente absorvido pelo cheiro da sua pele e pelo bafo fresco da sua boca. Talvez um copo de vinho estivesse pousado na mesa de cabeceira e o dividissem entre longos beijos, sem emitirem qualquer palavra.

Estava agora no tribunal. Aproximava-se mais um julgamento. O Estado contra um violador. E se, também ele, alguma vez, intentasse contra o corpo de Benilde? E se ela, depois, o acusasse? Quem suportaria tal opróbrio? Pensou no seu ancestral parente, Vasco Patraquim. Como julgariam, no seu tempo, semelhante caso? Quantas vezes teria o meirinho procedido à execução de sentenças contra violadores? E que penas previa, na Idade Média, a Igreja, para casos como

este? “Ah, maldita volúpia, que, ao longo dos tempos, tens atormentado os homens!” – pensava o juiz, remoendo uma culpabilidade inextinguível.

Seis e meia da tarde. Não tardava a meter-se no automóvel e rumar até casa. Rapidamente o carro galgou os três quilómetros, até à vila. Ao sair do carro, o juiz reparou num homem de meia-idade, que deambulava junto à igreja matriz. Tinha as botas desventradas e vestia um casaco já coçado de anos e anos de uso. As calças, atadas à cintura com um cordel, mostravam dois rasgões e estavam muito encardidas. O cabelo, negro e seboso, caía sobre os ombros, com caracóis.

O juiz permaneceu junto ao carro e reparou que aquele homem era um pregador. Pôs-se à escuta. Não tardaram a sair da boca do vagabundo presságios e augúrios apocalípticos:

- Eu sou o Alfa e o Ómega, disse Deus. Preparem-se pecadores, que o Juízo Final está próximo. E enquanto dizia isto, esbracejava muito e revirara os olhos. Alguns rapazitos que ali jogavam à bola, reuniam-se em volta dele e comentavam entre si que as catequistas nunca tinham falado daquilo. O que seria o Alfa e o Ómega? Que raio de coisa teria Deus inventado. Para eles, Deus era bom e era pai dum senhor que fazia milagres. Mas permaneciam atentos ao discurso do pregador. E ouviram, a seguir, as seguintes imprecações:

- As sete estrelas são os anjos das sete igrejas. Vão arder sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus. Do fumo sairão gafanhotos pela terra, e todos os que adoraram o demónio irão jazer nas ruas de Sodoma.

Os miúdos começavam a ficar aterrorizados, porque já se constava na vila que o mundo acabaria no ano dois mil. Para o juiz, porém, aquele discurso não era novidade. Conhecia bem o livro do Apocalipse. Concluiu que talvez o vagabundo fosse mais um daqueles alienados que se conseguiam evadir dos hospícios e faziam a vida negra a quem não sabia interpretar o simbolismo dos textos bíblicos. Mas, algo incomodou o juiz, quando o pregador, numa atitude arrebatada, disparou:

- Os amantes da carne hão de beber o vinho da cólera divina e serão atormentados pelo fogo e pelo enxofre diante do Cordeiro.

Como se aproximava a Páscoa, o juiz teve uma fugaz premonição de que algo o havia de condenar, tendo em conta o destempero dos seus sentidos em relação à criada.

Num fim de tarde carregado de nuvens, o juiz estava mais uma vez remetido ao barraco das carpintarias. Dava os últimos retoques no baixo-relevo de Vasco Patraquim. Só faltava envernizá-lo e dava por concluída a obra, que havia de ser pendurada na sala de estar, junto ao quadro do aguazil.

Corria o maio. As nuvens negras que povoavam o céu anunciavam a proximidade de uma forte trovoada. E esta não se fez esperar. Trovões assustadores ribombaram das alturas, logo a seguir ao relampejar clarões que iluminavam todo o lusco-fusco. Do janelo do barraco o juiz reparou em Benilde, que apanhava, à pressa umas peças de roupa que desfrutaram do sol vespertino. De repente, estrondou um trovão e uma bâtega de água foi, de imediato, despejada das alturas. Benilde, nitidamente apavorada, agarrou no cesto da roupa e, como que por instinto, procurou refúgio no barraco do juiz.

- Desculpe, Sr. Doutor, eu vir para aqui, mas a trovoada põe-me toda a tremer.

- Não te aflijas, Benilde. Isto são tudo forças da natureza; só os relâmpagos nos merecem respeito.

- Eu sei, Sr. Doutor, eu aprendi isso na escola, mas o barulho da trovoada deixa-me descontrolada.

- Tu estás descontrolada, Benilde?

Enquanto formulava esta pergunta o juiz reparava que a bata de Benilde, que estava encharcada e deixava ver os contornos roliços do seu corpo.

Um forte calor invadiu os seus ossos. Entretanto, surgia a reposta de Benilde:

- Eu sou sincera. Sinto-me muito tonta com esta trovoadas. O meu coração quase rebenta.

Foi aí que o juiz vislumbrou a altura certa para se aproximar do corpo de Benilde. Aproximou-se dela e colocou-se a mão no peito. Disse-lhe:

- Deixa-me ver como bate o teu coração, Benilde.

Ela ficou imóvel. Fechou os olhos. O juiz também tremia e agora só lhe restava continuar o que tinha iniciado. Fez resvalar as suas mãos por dentro do soutien da criada e sentiu na plenitude os seios inchados e quentes. Os mamilos acusavam já o fervor do momento.

- Ai, Sr. Doutor, o que é que nós estamos a fazer!

- Não digas nada Benilde.

A criada aderiu rapidamente ao impulso do compromisso que ali se estabelecera. Calou-se, levantou a blusa e desapertou o soutien. Num ápice, sentiu a boca do juiz a acariciar-lhe os seios, que já estavam muito intumescidos. Fecharam a porta do barraco e, entre relâmpagos e estrondos amaram-se, nus, em cima da bancada do carpinteiro. Benilde sentiu a trovoadas como uma manta protetora do seu pecado e eram os clarões que agora a assustavam, porque iluminavam o interior do barraco e os dois corpos que ali se defrontavam.

Passaram os dias. Juiz e criada olhavam-se com uma culpa partilhada, algo prazerosa. Sempre que, ao fim do dia, o juiz trabalhava a madeira no barraco do quintal, regalava-se olhando a bancada e nela via o corpo roliço de Benilde. Ficava entranhado nas tábuas o cheiro das partes íntimas da criada. Que vontade de fugir com ela para o monte, e de lá observar a vila, a cidade, o tribunal, as leis, as togas, os códigos, as sentenças... Era agora o mês de agosto e era intenso o cheiro vindo dos tojos do maninho, contíguo à casa do juiz. Desapertara a camisa e trabalhava com afinco na moldura do baixo-relevo de Vasco Patraquim. Já o via junto à tela da sala, retratando o orgulho familiar. O juiz sentia-se como o produto final de uma estirpe judicial e imaginava a sua própria efígie colada numa parede da casa dos seus tetranetos.

- Sr. Doutor, posso entrar? – Perguntou Benilde, com ar acabrunhado.

- Não precisas de perguntar, Benilde.

- Ó Sr. Doutor, eu tenho uma coisa importante a dizer-lhe...

- Fala, Benilde.

- Estou grávida.

- O quê? Tens a certeza?

- Eu não conseguia dizer-lhe, Sr. Doutor.

- Tu tens a certeza que não estiveste com mais ninguém?

- Ó Sr. Doutor, não me magoe...

- Desculpa.

- Não sei o que hei de fazer. Deus me ajude.

- Quem te vai ajudar é a “desmanchadeira”...

- Um desmancho?

- Ai, meu Deus! O que está dentro de mim, ser estragado!?

- Temos de enfrentar as coisas, Benilde. Eu pago todas as despesas.

- Não consigo, Sr. Doutor.

- Não serás a primeira nem a última.

- Não, não posso.

- Tem que ser Benilde; para o bem de nós os dois.
- Eu prefiro sair desta casa, Sr. Doutor, mas desmancho, nunca.

A criada nada mais disse e retirou-se, num ápice. Levava no rosto sinais de mágoa. Sentia-se um farrapo abandonado. O que iria fazer, fora daquela casa, com um filho na barriga? Como iria sustentar-se até ao parto? Mil e uma coisas lhe passaram instantaneamente pela cabeça, enquanto se dirigia para a cozinha.

Os dias foram passando. O juiz, embrenhado na rotina do tribunal, nem pensava muito na situação em que colocara a criada. Não duvidava que ela haveria de tomar a decisão de abortar; o peso dos factos seria inelutável para Benilde. Era esta a atitude que pairava no seu espírito, e que lhe permitia enfrentar a vida familiar sem sobressaltos. Depois, lembrava-se do seu antepassado Vasco Patraquim:

também o aguazil tinha feito filhos em mulher alheia, e o dinheiro tudo resolvera. Eram outros tempos, mas os males humanos permaneciam os mesmos.

Um dia, quando regressava do tribunal, viu Hermengarda na varanda da sua casa. Estava imóvel e os seus olhos focavam o pregador, que abandonara o sítio da igreja matriz, deambulando agora pelas ruas da vila, atraindo a atenção dos moradores.

O juiz entrou em casa e procurou a sua mulher. Depois de a saudar com um beijo, perguntou-lhe:

- Então, tu agora ouves os sermões do pregador?
- Este homem deve ter andado no seminário.
- E daí?
- O que ele diz, a gente não ouve na missa.
- E o que é que achaste mais interessante?
- É a forma como ele fala do fim do mundo.
- Pareces assustada...
- Eu sei lá; nós, humanos, parece que merecemos aqueles castigos.
- Achas que os mereces?
- Eu não, e tu?

O juiz não respondeu. Entretanto, foi mudar de roupa e não tardou a entrar no barraco do quintal, desfrutando do cheiro das tábuas. Do lado de fora da sua casa, ouvia-se, ainda, a voz do pregador. O homem tinha o cabelo seboso e exalava um cheiro nauseabundo. Às vezes viam-no lavar-se nos fontanários, mas só passava água na cara, e o sabão, nem vê-lo. Trazia a Bíblia num saco, misturada com bocados de broa e um par de calças remendado. Embora pregasse com o livro sagrado na mão, nunca o abria para ler qualquer passagem. E era isso que prendia a atenção da canalhada, que fazia roda em torno do vagabundo e se fixava no seu olhar alucinado. Os miúdos sentiam uma mistura de gozo e de temor, começando a perceber que Deus não era para brincadeiras.

A noite aproximava-se e o pregador vociferava, caminhando lentamente:

- Os anjos de todas as igrejas anunciarão o fim do mundo! Quando o Cordeiro abrir o sexto selo, virá o grande terramoto.

Ao ouvir falar em terramoto, duas mulheres, que por ali passavam, logo comentaram que o tremor de terra que tinha havido no ano anterior, poderia ter sido um aviso de que o fim do mundo estava muito próximo.

Uma delas, aproveitou para perguntar à outra:

- Que quer ele dizer com aquilo dos selos?

Da boca da sua interlocutora, quase nada saiu. Limitou-se a dizer:

- Aquilo são coisas da Bíblia. O homem, às vezes, anda para aí a ler a Bíblia. Tomara eu saber ler... Era a hora do jantar em casa do juiz. Benilde serviu a sopa. Os seus olhos mostravam uma tristeza resignada e o dono da casa não podia deixar de reparar nisso. A criada estava decidida a sair daquela casa, mas não sabia como fazê-lo, sem magoar a Sra. D^a Hermengarda. Pensou em escrever uma carta. Estava decidido: sairia sem que ninguém desse por isso.

Benilde recolheu-se ao seu quarto. Vestira a camisa de dormir e olhava-se ao espelho enquanto penteava os seus longos cabelos. No dia seguinte, iria abandonar a casa do juiz. Pegou numa folha de papel e escreveu a tal carta de despedida, endereçada à sua patroa, a quem serviu durante muitos anos.

Minha Senhora,

Quando ler esta carta, já me encontrarei longe desta casa. Levarei saudades dos meninos e muita gratidão do modo como a minha senhora me tratou. Levarei também o remorso de ter saído sem falar com ninguém.

Mas teve de ser. Aconteceu uma coisa má na minha vida, que nada tem a ver com a senhora. Para que esta casa não seja prejudicada com o que me sucedeu, vou-me embora.

Por favor, minha senhora, peço-lhe que nada faça para me encontrar, porque agora o meu destino será traçado por mim.”

Com muitas desculpas e muito obrigada por tudo, Benilde

Passou a noite sobressaltada; quase não pregou olho. Pensava nas economias que tinha no banco; tudo se havia de arranjar. Mas uma força contrária fazia o seu espírito mergulhar no pessimismo, e via-se desonrada, com um filho na barriga. Ninguém lhe iria dar trabalho.

O relógio marcava as cinco horas da manhã e Benilde já não conseguia estar nem mais um minuto naquela casa. Deixara a mala pronta, antes de se ter deitado. A noite ainda estava cerrada. Era o momento próprio.

Só faltava passar um bocado de água no rosto, pentear-se e sair, pé ante pé, sem que ninguém acordasse.

E assim foi. Benilde apanhou a carreira das sete da manhã. Ia na direção da capital.

Entretanto, na casa do juiz, tudo seguia o curso normal. Normal? Não era verdade. O juiz passava as noites em claro, a ouvir rressonar a mulher com quem casara. Um terrível remorso corroía-o por dentro.

Inquietações várias assolavam-no constantemente: “Para onde foi a Benilde?”; “Será que vai acusar-me?”; “Terá dinheiro para se alimentar?”; “Irá, mesmo, ter a criança?”

Passaram dois dias. Dois longos dias de tribunal. Ainda se, ao menos, tivesse alguma coisa para fazer no barraco da carpintaria... Mas, não.

Agora Vasco Patraquim, em forma de baixo-relevo, esculpido em madeira, estava, finalmente, instalado na parede, junto ao quadro homónimo.

As noites eram cada vez mais insuportáveis. A figura de Vasco Patraquim inundava-lhe o cérebro toda a santa noite. Recriminando-o, ameaçando-o, amaldiçoando-o, por se ter envolvido com a criada.

Uma certa manhã, à hora do pequeno-almoço, estava o juiz a engolir um trago de café, enquanto olhava o jornal. Desfolhou-o e, já perto das páginas finais, leu o seguinte: “Mulher grávida lançou-se à Ribeira do Moleiro e morreu afogada. Tinha sido despedida da casa onde trabalhava como empregada doméstica.”

Tudo, naquele momento, desabou sobre o juiz. Era ela. A sua cobardia tinha gerado um tal desfecho. Dobrou o jornal e, a custo, conseguiu evitar pôr a nu a cor pálida que instantaneamente cobriu o seu rosto.

A esposa, contudo, notou qualquer coisa e perguntou:

- Estás muito apreensivo. Alguma coisa, no jornal, que te incomodou?
- São sempre as mesmas notícias. Dormi mal esta noite.

E todas as noites que se seguiram foram um inferno. O juiz não pregava olho. Quando o quarto ficava às escuras, via Benilde esfacelada contra as pedras da Ribeira do Moleiro e muito sangue tingindo as águas. E, nessas águas, impregnavam-se bocados de um feto, que era o seu, e que serviam agora para alimentar as trutas.

Já não conseguia trabalhar. Estava de baixa havia já duas semanas. O pouco que dormia devia-o aos soníferos receitados pelo médico da vila.

Mas, gradualmente, os remédios deixaram de fazer efeito.

A mulher do juiz andava também alterada e começava a pensar em chamar, às escondidas do marido, a benzedeira da vila para dar solução àquela triste situação. Mas não arriscava, porque tinha medo da reação do juiz, homem que detestava curandeirismos.

Permanecendo em casa todo o dia, com a barba por fazer, sem mudar de roupa e sem se lavar, o juiz mais parecia um vagabundo. Como já nada conseguia dormir, todos os minutos eram assolados por alucinações. No interior da sua cabeça ouvia as recriminações do aguazil, seu ancestral parente: “Serás decapitado por crime de luxúria praticado com serviçais!”

Quase nada comia e começava a mostrar um ar cadavérico. Hermengarda estava desesperada com tudo aquilo que se estava a passar e já tinha desabafado com a cozinheira, que a saída da Benilde daquela casa trouxe um grande azar à família. E, para tudo se agravar, o pregador passava grande parte das noites a vociferar junto à casa do juiz, anunciando o grande dia da ira de Deus: “Ó pecadores, abrir-se-á agora o sétimo selo e o Cordeiro condenará os luxuriosos desta vila! Os seus cadáveres cairão nas ruas de Sodoma!”

O juiz gritava para a mulher:

- Manda calar aquele filho da puta do pregador! Já não o consigo ouvir!
- Tem calma, descansa; ela acaba por calar-se. Tem pena dele. É um doente mental – respondia Hermengarda, tentando apaziguar o espírito do marido.

Cá em baixo, na rua, o pregador insistia:

- Satanás, o sedutor do mundo inteiro, será precipitado por terra e, com ele, todos os seus anjos!

O juiz sentia a cabeça a rebentar. Eram agora três horas da madrugada.

Na sua cabeça pairavam duas figuras: a do pregador e a do aguazil.

Levantou-se e dirigiu-se à cozinha. Pegou numa faca e encaminhou-se para a porta de casa.

Estava decidido a matar o pregador, como que, duma penada, o seu crime com a criada pudesse ser redimido e a paz conseguisse retornar ao seu espírito. Abriu a porta da casa. Uma aragem fria e húmida invadiu-lhe o rosto. Dentro da sua cabeça o aguazil continuava a ameaçá-lo com uma voz assustadora: “Eu sou o representante da justiça e aqui estou para te levar ao patíbulo.

Confessa o teu crime, parente perverso!”

O juiz tentava abafar aquela voz aterradora, que há vários dias o atormentava. Estava agora concentrado nas palavras do pregador e a ele se dirigiu de faca em riste. Mas, ao aproximar-se do desgraçado, viu que era o próprio Vasco Patraquim que estava à sua porta, vestindo com trajes medievais; igualzinho ao que esculpira na madeira e que estava agora pendurado na parede da sala. Era ele, em carne e osso. O juiz ficou sem pinga de sangue. Tremiam-lhe as mãos. De

relance, o pregador, agora um aguazil, tirou-lhe a faca da mão e cravou-lha bem fundo nas entranhas. O juiz caiu por terra e, num ápice, partiu deste mundo.

Fim